

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MARIA MISLENE DE LIMA DANTAS SOARES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DA
ESCOLA MUNICIPAL CELINA DE LIMA MONTENEGRO – CUITÉ, PB: UMA
EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.**

Cuité-PB

2013

MARIA MISLENE DE LIMA DANTAS SOARES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DA
ESCOLA MUNICIPAL CELINA DE LIMA MONTENEGRO – CUITÉ, PB: UMA
EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciando em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. MSc. Caroline Zabendzala
Linheira

Cuité - PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S676e Soares, Maria Mislene de Lima Dantas.

Educação ambiental na sala de recursos multifuncionais da escola municipal Celina de Lima Montenegro – Cuité, PB: uma experiência na perspectiva da educação inclusiva. / Maria Mislene de Lima Dantas Soares – Cuité: CES, 2013.

60 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2013.

Orientadora: Dra. Caroline Zabendzala Linheira.

1. Educação ambiental. 2. Prática pedagógica. 3. Recursos multifuncionais - sala. I. Título.

CDU 37:504

MARIA MISLENE DE LIMA DANTAS SOARES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DA
ESCOLA MUNICIPAL CELINA DE LIMA MONTENEGRO – CUITÉ, PB: UMA
EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande, como um dos requisitos para obtenção de título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Caroline Zabendzala Linheira (Orientadora)

UFCG-CES

Prof. Msc. Letícia Giesta Carpolíngua (Titular – Interno)

UFCG-CES

Prof. Msc. Leonardo Cavalcanti de Araújo Mello (Titular – Interno)

UFCG/CES

Prof. Dr. Carlos Alberto Garcia Santos (Suplente)

UFCG/CES

Cuité, PB – 24 de Abril de 2013.

Dedicar este trabalho a alguém não é fácil, tive a colaboração de algumas pessoas muito queridas. Porém dedico este a todas as crianças portadoras de necessidades educacionais, em especial aos alunos da Sala de Recursos Multifuncionais da E.M.E.F. Celina de Lima Montenegro, Cuité - PB. Que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

“Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender”.

Marion Welchmann

AGRADECIMENTOS

ACada dia, que eu chegava à sala de recursos multifuncionais me deparava com as crianças sentadas ao redor de uma mesa, agradecendo á Deus, pelas coisas simples da vida. O que parecia ser simples para mim naquele momento, para eles tinha um valor imensurável. Através desses episódios simples e grandiosos, apreendi que mesmo diante das dificuldades a superação e a gratidão existem, para aqueles que sabem dar o devido valor. E são esses pequenos detalhes, que descobrimos a verdadeira importância da vida, pois são essas coisas simples que fazem a diferença. São esses momentos que levarei sempre comigo, uma vez que essas crianças me ensinaram que ao invés de ficamos reclamando da vida, devemos contemplar cada momento, pois existir é uma dádiva de Deus. E que agradecer é uma forma de reconhecer o valor das pessoas em nossas vidas.

Partindo disto, dedico esse espaço para agradecer e reconhecer a importância de todas as pessoas que me ajudaram e me apoiaram de alguma forma na execução desta monografia, mas, sobretudo com a constituição da pessoa que sou hoje.

Gostaria agora de enaltecer a importância da minha família na minha vida. Aos meus pais Francisco e Jurací, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa da minha vida, pelo amor incondicional, pelo exemplo de pessoas honestas e trabalhadoras que são. A suas presenças em minha vida significaram segurança e certeza de que não estou sozinha nesta caminhada. Enfim, eu poderia escreve infinitas páginas sobre vocês, porém minhas lágrimas não estão me permitindo continuar. Amo muito vocês!

Aos meus irmãos Janaina Fabiana e Marcus Antonio, que são grande parte da minha fonte de forças nesta longa trajetória de vida, permanecendo sempre presentes na partilha de minhas conquistas e frustrações.

Ao meu esposo, Vanis, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos difíceis, e por entender a minha ausência, quando os momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva. Não tenho dúvidas que você foi um anjo enviado por Deus, para tornar os meus dias mais felizes.

A Caroline Zabendzala, minha orientadora e amiga, por confiar no meu trabalho, me mostrar os caminhos da pesquisa e despertar o desejo de continuar trilhando esse caminho. Muito obrigada pela oportunidade de trabalhar com você.

À professora da Sala de Recursos Multifuncionais, Cibele Furtado pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Aos professores Letícia Giesta e Leonardo Mello, por terem aceitado participar como membros na banca dessa monografia. Tenho certeza que suas considerações são de grande valor para esse trabalho.

Aos meus sogros, Eliene e Inácio pelo incentivo e apoio, e por terem se tornado os meus segundos pais.

Meu avô Clóvis e minha avó Francisca também merecem um agradecimento especial. Pois me passaram diversas lições de vida e foram fundamentais na minha formação como pessoa.

Aos meus tios Afonço, Almiza e Cleide por todo apoio e carinho.

Agradeço também aos meus padrinhos Gilberto e Guia, pela importante participação na minha vida.

À Sulene, Nilça e Maria das Dores, por ser outra família para mim. Obrigada por tudo!

Não poderia deixar de agradecer as minhas amigas e companheiras, Acássia, Desiane, Dulcilene, Heliara e Meiry, que ao longo desses anos se tornaram minhas irmãs. O meu muito obrigado, por vocês se fazerem presentes quando eu mais precisava.

À minhas amigas, Gilmara, Samara, Luciana, Emily, Laudenize, Bruna, Klébia, Larissa, Rosely (Lili), Na Elma e Nilda pela amizade ao longo desses anos.

As minhas pequenas crianças Alexandra e Dayvison, que com toda a sua inocência, nos momentos de aflição e angústia me transmitiram paz. Como em muitas vezes vocês me falaram “Eu amo vocês muito, do tamanho do universo”.

À Universidade Federal de Campina Grande que, pública e gratuita, me ofereceu oportunidade de concretizar a Licenciatura em Ciências Biológicas. A essa instituição, devo minha vida acadêmica e meu crescimento intelectual, cultural e político.

Não poderia deixar de agradecer aos adoráveis alunos da sala de recursos multifuncionais da E. M. E. F. Celina de Lima Montenegro, que durante os momentos compartilhados, foram os meus mestres e eu meramente o aprendiz. Pois apesar do pouco tempo de convivência me ensinaram valores imensuráveis, que em uma vida toda não

conseguiria apreender, com vocês eu aprendi que não há limites e nem barreiras, quando o desejo é vencer. E que não existe pessoas deficientes, é sim pessoas ESPECIAIS.

Termino esses agradecimentos, enaltecendo àquele que todos costumam agradecer em primeiro lugar, o autor da vida (DEUS). Não que ele seja o menos importante, mas sim, porque ao redigir esses agradecimentos não encontrava expressões ou até mesmo palavras que pudessem consolidar a minha GRATIDÃO a este Ser Superior que fortaleceu meus passos, quando o meu desejo era retroceder. E por ter colocado cada um de vocês na minha vida, no momento certo e na hora certa. Desejo que Deus lhes conceda a mesma alegria que sinto por vocês existirem!

Obrigada meu Deus! Obrigada a todos!

SOARES, Maria Mislene de Lima Dantas. **Educação Ambiental na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Celina de Lima Montenegro- Cuité, PB: Uma experiência na perspectiva da Educação Inclusiva.** Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB, 2013.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa trata de estabelecer uma relação entre a educação ambiental e a educação na perspectiva da educação inclusiva, a partir de experiências realizadas na sala de recursos multifuncionais da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro em Cuité, PB, tendo como objetivo principal desenvolver práticas pedagógicas em educação ambiental sobre o grande tema água a partir de atividades que pudessem mostrar a dinâmica da relação entre o aluno especial e o conhecimento científico. Buscamos estimular o desenvolvimento de certas habilidades como a observação, hipóteses, análises e relações com o contexto, acreditando nas potencialidades de crianças portadoras de necessidades especiais. O trabalho descreve e analisa uma sequência didática, com seis atividades. Os resultados sugerem a possibilidade de incorporar com êxito atividades coletivas na sala de recursos e com temática relacionadas à problemática ambiental desde que se faça uma contextualização adequada, se respeite os tempos de aprendizagem e de interesse pelas aulas e que se use acima de tudo o diálogo como fio condutor de todas as atividades haja vista as dificuldades de registro escrito que muitos alunos desta sala têm.

Palavras-chave: Sala de Recursos Multifuncionais, Educação Ambiental, Prática Pedagógica.

SOARES, Maria Mislene de Lima Dantas. **Educação Ambiental na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Celina de Lima Montenegro- Cuité, PB: Uma experiência na perspectiva da Educação Inclusiva.** Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB, 2013.

ABSTRACT

This research is to establish a relation between environmental education and the education in the perspective of inclusive education, from the experiences performed in multifunction resource room in the Municipal School Celina de Lima Montenegro in Cuité, PB, and the main goal is to develop pedagogical practices in environmental education about the great theme water from activities that could show the dynamic relation between the special student and the scientific knowledge. We seek encourage the development of certain abilities as observation, hypotheses, analyses and relations with the context, believing in the potentialities of abled children. The work describes and analyzes a didactic sequence, with six activities. The results suggest a possibility of incorporate with success collective activities in the resource room and with a thematic related to the environmental problematic since they make an adapted contextualization, respect the learning time and the interest by the classes and use, above all, the dialogue as a guide of all activities considering the difficulties in writing registers that many students of this class have.

Keywords: Multifunction Resource Room, Environmental Education, Pedagogical practice.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
1. INTRODUÇÃO	01
2. UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL	04
3. SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	07
3.1 Sala de recursos da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro.....	08
3.1.1 Rotina de atendimento na sala de recursos da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro.....	09
4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS	11
4.1 Educação ambiental nas salas de recursos multifuncionais.....	13
4.2 Objetivos	16
5. TRAJETÓRIA DA PESQUISA	17
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
6.1 Período de observação participante.....	20
6.2 Período de experimentação.....	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS	40
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41
ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DAS AULAS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	43
ANEXO C – APRESENTAÇÃO DE IMAGENS SOBRE A PRESENÇA DE ÁGUA NO AMBIENTE	44

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Gostaria desde já manifestar minha recusa a certo tipo de crítica cientificista que insinua faltar rigor no modo como discuto os problemas e na linguagem demasiado afetiva que uso. A paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio ou anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também. (FREIRE 1995, p. 18)

Escolhi as palavras de Freire, para iniciar esse capítulo por entender os motivos que me levaram a desenvolver essa pesquisa, que tem suas raízes atreladas na minha trajetória de vida. Ao redigir esse trabalho, reviso os caminhos percorridos até aqui recordo as lembranças da minha infância vivenciadas em um cenário que o contato com a natureza era constante, pelo fato de ser filha de agricultores, tive influencia direta no aprendizado de como cuidar dos animais, das plantas e de todo sistema natural responsável pela vida no campo. O contato com a natureza sempre me despertou um sentimento de plenitude, aonde certas sensibilidades são desenvolvidas quando sentidas, e puder observar os pássaros e sentir o perfume do campo, se torna para mim, uma ligação direta com o que é de mais belo e puro que possa existir.

O interesse em investigar e conhecer mais sobre a natureza e os elementos que a compõe, marcou a descoberta de uma área de atuação profissional a que escolhi me dedicar, e que continua a me fascinar. Concretizei os meus anseios, ao ser aprovada no curso de licenciatura em Ciências Biológicas no ano de 2008, na Universidade Federal de Campina Grande – Cuité/ PB.

Ao iniciar minha vida acadêmica, eu não conseguia visualizar um caminho que me completasse ou satisfizesse as minhas pretensões, sentia-me perdida. Até que abriram vagas para trabalhar voluntariamente em um projeto de pesquisa na área de Educação Ambiental, os quais permaneci apenas seis meses, apesar de ter sido pouco tempo, o meu interesse pela área se intensificava cada vez mais.

Até que surgiu a oportunidade de trabalhar em outro projeto de Extensão voltado para as anomalias congênitas do município de Cuité- PB, a inserção nesse grupo de pesquisa me fez ter uma visão mais voltada para essas pessoas portadoras de algum tipo de deficiência. No decorrer do trabalho foi possível constatar a falta de interesse que a sociedade ainda tem perante essas pessoas, a falta de informação e o preconceito que ainda é muito constante. Apesar do interesse pela educação ambiental, sentia necessidade de trabalhar com crianças portadoras de necessidades especiais, a escolha por esta investigação se concretizou durante o período de Estágio Supervisionado, no qual foi realizada uma visita na sala de recursos multifuncionais, onde mais tarde, se consolidou esta pesquisa. Durante esse período, me despertou o interesse de compreender o trabalho que ocorre neste espaço, acreditando na capacidade que eles guardam dentro de si, que muitas vezes só precisa ser explorada.

Comecei a pesquisar trabalhos desenvolvidos na área, e percebi que a maioria dos trabalhos só aborda questões relativas à política educacional e não á propostas de desenvolvimento e aprendizado dos deficientes com direito a uma educação igualitária, talvez por ser uma questão ainda muito recente nos parâmetros curriculares nacionais.

Portanto, significou a proposta de trabalho de conclusão de curso, que é inserir a temática educação ambiental na sala de recursos multifuncionais, por acreditar que a educação ambiental possibilita o desenvolvimento de valores pessoais e promover a inclusão dos alunos especiais nas discussões e temáticas atuais. Além de desenvolver aptidões significativas para a minha formação como educadora. E como toda proposta, está permeada por metas, objetivos e passos que levam a um fim específico, aqui poderia ser colocado como o processo de aprendizagem tanto pelos alunos, quanto pelo educador.

Eventualmente, como significado desta proposta pedagógica o objetivo mais amplo desse trabalho foi promover a educação ambiental na educação especial através de práticas educativas na sala de recursos multifuncionais, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Celina de Lima Montenegro em Cuité – PB, lançando como *desafio* “à superação dos limites do homem, colocado frente a frente com a natureza” (MUNSTER, 2004, p. 37 apud HUBNER, 1999).

Mais especificamente procuramos identificar estratégias e instrumentos que favoreçam a inserção da educação ambiental na educação especial. De forma a promover e estimular as atividades em grupo na sala de recursos multifuncionais.

Acreditamos que todos os espaços educacionais merecem iniciativas que visem fortalecer as atividades educacionais, ampliar o conhecimento historicamente acumulado e estimular o desenvolvimento de novas abordagens. No caso de Cuité, a relação universidade-escola deve possibilitar tais iniciativas. De acordo com Paulo Freire ao dizer que: *“toda educação deve contribuir para transformação”*. Assim vou tentando deixar a minha contribuição, buscando e sentindo a necessidade de fazer algo em benefício daqueles que anseiam por transformações e por uma educação íntegra.

CAPÍTULO 2

UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL

A Educação Especial é um ramo da educação, que atende alunos específicos, portadores com algum tipo de necessidades educacionais. Na LDBEN nº 9.394/96, está conceituado como “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portadores de necessidades especiais”.

No Artigo 9º, a Lei nº 5.692/71 assegura tratamento especial aos alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, aos que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e aos superdotados, de conformidade com o que os Conselhos Estaduais de Educação definir. Nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), ela é definida como:

Modalidade de educação escolar; procedimento educacional deliberado por uma proposta pedagógica assegurando uma série de serviços e recursos educacionais especiais, constituídos institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover a ampliação das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (BRASIL, MEC/SEESP, 2001, p. 39).

Esta especificidade se expressa claramente, nos conceitos de educação especial que vem sendo elaborados por pesquisadores da área.

Conforme Mazzota (1996), a educação especial é a:

(...) a modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens (MAZZOTA, 1996, p.11).

Segundo este autor, o educando especial teria direito no mínimo aos serviços de educação comum, podendo assim ser apoiado ou substituído por um conjunto de recursos e serviços estabelecidos visando garantir a assimilação dos conteúdos escolares formais.

Para Ferreira (1993), a educação especial:

(...) abrange, como princípio, o conjunto de serviços educacionais não disponíveis nos ambientes sócio-educacionais “normais” ou “regulares”. Ela visaria o atendimento e a promoção do desenvolvimento de indivíduos que não se beneficiariam significativamente de situações tradicionais de educação, por limitações ou peculiaridades de diferentes naturezas (FERREIRA, 1993, p.17).

Para este segundo autor, a educação especial é diferenciada da rede comum de ensino por não apresentar o mesmo serviço educacional. Sendo assim teria como objetivo atender os alunos, que a rede regular de ensino não poderia atender através da promoção dos serviços oferecidos. Esta caracterização aponta a educação especial com um sistema mais amplo de serviços educacionais do que o sistema oferecido pela educação comum.

Para Koehler (2008) a educação especial tem como objetivo principal promover uma melhor qualidade de vida àqueles que, por alguma causa, carecem de um atendimento apropriado à sua realidade física, mental, sensorial e social. Portanto esse atendimento é destinado, aos portadores de necessidades educativas, que carecem de recursos didáticos e métodos especiais, durante o processo de ensino-aprendizagem. A integração dos alunos com necessidades especiais na sociedade tornou-se, assim referencial nos aspectos filosóficos, políticos e científicos da educação especial. As respostas apontaram para aspectos positivos para o nosso país com relação ao processo de redemocratização, em decorrência, uma mudança nas políticas públicas, nos objetivos e na qualidade dos serviços de acolhimento a esta clientela (GLAT & FERNANDES, 2005, p. 03).

A educação especial contempla uma imensa variedade de necessidades educativas especiais, assim como um conjunto multidisciplinar, compostas pelos mais distintos profissionais e especialistas. Insere-se nos diferentes níveis de educação escolar: Na educação básica e na educação superior, com a interação das demais modalidades de ensino, como a educação profissional, a educação de jovens e adultos e a educação indígena. Nesta perspectiva, a educação especial direciona suas atuações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma ação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e a ampliação de práticas colaborativas (BRASIL, MEC/SEESP, 2007).

Na educação especial é de extrema importância considerar a inserção da cultura na educação formal de todos os indivíduos envolvidos, uma vez que torna possível o desenvolvimento biológico, a partir de práticas sociais. Frente a essas colocações, me pergunto: É possível ensinar educação ambiental na sala de recursos multifuncionais? De que forma?

Tendo como princípio argumentos que os estudiosos específicos da área defendem que é preciso acreditar que todas as pessoas são capazes de apreender, independente de suas condições físicas, intelectuais e sociais. Salvi (2003, p. 08), afirma que “todos são capazes de aprender, desde que se estructurem possibilidades, se estabeleçam estratégias na reordenação de práticas escolares”.

Nesse sentido, estamos num momento em que a história da inclusão escolar está sendo escrita em nosso país e muitas são as atuações governamentais e não governamentais em favor desta teoria. Uma das ações é a fundação das salas de recursos multifuncionais nas escolas da rede regular de ensino de todo o país, inclusive no município pesquisado. Através destes espaços o atendimento educacional especializado é ofertado para as crianças com necessidades educativas especiais que estão matriculadas nas escolas da rede oficial de ensino.

CAPÍTULO 3

SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

A Secretaria de educação especial/MEC lançou no ano de 2005 o programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, sendo desenvolvida com os estados e municípios, constituindo-se em um espaço para Atendimento Educacional Especializado (AEE), por meio de estratégias de ensino, que consiste em proporcionar suporte às necessidades educacionais de cada aluno, favorecendo o desenvolvimento de competências e habilidades. De acordo com dados disponibilizados pelo MEC, entre os anos de 2005 a 2009, foram oferecidas 15.551 salas de recursos multifuncionais a 4.564 municípios brasileiros.

No documento das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) encontra-se o conceito desse serviço, pelo qual deve ser desenvolvido o atendimento educacional especializado (AEE) na escola.

Salas de Recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns [...]. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que freqüentam a classe comum. [...]. (BRASIL, 2001, p.50).

De acordo com Alves (2006, p 14), com relação ao atendimento educacional é essencial que:

O professor considere as diferentes áreas do conhecimento, os aspectos relacionados ao estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos, o nível de escolaridade, os recursos específicos para sua aprendizagem e as atividades de complementação e suplementação curricular.

Portanto os procedimentos pedagógicos devem ser adequados à necessidade educacional de cada aluno, os quais podem ser realizados de forma individual ou em grupos, mas que seja cumprido em horários diferentes daqueles que freqüentam a sala de aula regular.

Conforme aponta Anjos (2011, p.03), a sala de recursos não pode ser considerada a um mecanismo de segregação das pessoas com um determinado tipo de deficiência que se encontram matriculadas no ensino regular, deve ser um espaço que proporcione o acesso, sucesso e permanência desses alunos na escola.

A sala de recursos é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo dos alunos portadores de necessidades educacionais, por possuírem mecanismos de socialização tanto no ambiente educacional como fora dele, sendo um espaço decisivo para a qualificação da integração dos indivíduos no ensino comum (SILVA, 2008).

3.1- SALA DE RECURSOS DA ESCOLA CELINA DE LIMA MONTENEGRO

O presente estudo foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Celina de Lima Montenegro, (Imagem 1) localizada na zona urbana, do município de Cuité – PB. A referida escola dá suporte para alunos portadores de necessidades educacionais, através do atendimento educacional especializado, na sala de recursos multifuncionais.

Imagem 1: Frente da E. M. Celina de Lima Montenegro



FOTO: Soares, M. M. L.D, 2013

A implantação da sala de recursos multifuncionais da escola mencionada teve início antes mesmo da fundação das salas de recursos nas escolas públicas no nosso País. Ela foi montada como sala de atendimento especializado, no ano de 2007, com o apoio de uma ONG italiana (Progetto Mondialità), esse vínculo se deu através da Igreja católica, por intermédio de um Padre Italiano (Padre Donato), que foi pároco deste município. (FURTADO, 2011)

A ONG disponibilizava materiais, e a prefeitura em contrapartida disponibilizava um profissional da Educação. Onde os mesmos passavam por um treinamento, para assim estarem aptos a lecionar nessas salas.

Um ano mais tarde, essas salas foram municipalizadas passando, então, a ser integradas no currículo escolar, sendo denominadas Salas de Recursos Multifuncionais.

Segundo o projeto político pedagógico da escola, o compromisso da escola com a educação especial se resume em estabelecer a prática de atitudes críticas e educativas para uma construção social, emancipatória e digna, de forma a construir para renovação social, diminuindo a desigualdade entre classes sociais. Contemplando o atendimento as pessoas com deficiência, sejam em termos físicos ou pedagógicos.

Atualmente, estão matriculados 13 alunos, com idades entre 5 aos 23 anos. É um ambiente totalmente homogêneo, com diversas particularidades, os graus de deficiência se distribuem em doenças como: Síndrome de Down, Deficiência mental, Intelectual e Física, Transtorno do Déficit de atenção com Hiperatividade, Paralisia Cerebral e Autismo.

A sala dispõe de materiais pedagógicos, dentre eles estão jogos pedagógicos, instrumentos musicais, equipamentos de informática, materiais específicos para diferentes necessidades educacionais, entre outros.

Todos esses alunos estão matriculados em turmas regulares, sendo o horário de atendimento na sala de recursos diferenciado dos seus horários de aulas. Alguns alunos se negam a frequentar a sala regular. Eles recebem ainda acompanhamento por vários profissionais: psicopedagogo, neurologista, psicóloga, fonoaudióloga, fisioterapeuta, entre outros.

3.1.1 – ROTINA DE ATENDIMENTO NA SALA DE RECURSOS DA ESCOLA CELINA DE LIMA MONTENEGRO

O atendimento se sucede das terças às quintas-feiras, tendo início as 7 h até às 11 horas. Os alunos sempre chegam acompanhados por familiares. A professora se reúne com os alunos em uma mesa coletiva, nesse momento, a princípio acontece uma socialização do professor com os alunos e os alunos entre si, onde dialogam, falam sobre o dia a dia, cantam músicas, para assim, dar início a aula.

De acordo com Furtado (2011, p.25), o planejamento é feito seguindo a metodologia da escola inclusiva conforme as orientações da supervisão pedagógica da equipe da prefeitura. A partir desse planejamento, se organizam atividades que vão sendo realizadas no decorrer do ano letivo, sendo essas atividades distribuídas em vários eixos temáticos, como apresentações artísticas, gincanas, brincadeiras entre outras atividades. As atividades são registradas todos os dias no diário de classe, os quais são avaliados através de relatórios mensais, relatando os avanços dos alunos nos aspectos pedagógicos, cognitivos e afetivos (IBID).

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS

A educação ambiental se constitui em uma forma abrangente de educação, que se propõe atingir todos os cidadãos, através de um processo pedagógico participativo permanente que busca soluções, sendo um agente transformador, através do desenvolvimento de habilidades. (MARCATTO, 2002. p.03)

Segundo a UNESCO a educação ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros (UNESCO, 1987).

A educação ambiental deve ser aplicada em todas as escolas inclusive no ensino infantil, pois é as crianças o futuro da sociedade. Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental, sob a Lei n° 9.795, de 27 de abril de 1999, a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo formal e não formal. Para Ferreira, ET al. (2007), a educação ambiental deve se constituir numa forma que contemple todos os cidadãos, por meio de um processo pedagógico participativo permanente.

Segundo Vasconcelos (1997), em todas as práticas educativas, a presença da reflexão sobre as relações dos seres entre si e do ser humano com seu semelhante é condição indispensável para que a educação ambiental aconteça. Dentro desse conjunto, preponderam-se as escolas, sendo ambientes privilegiados na implementação das atividades que propiciem essa cogitação, pois isso carece de atividades de sala de aula e atividades de campo, com atos orientados em projetos de participação que proporcionam a autoconfiança, atitudes positivas e comprometimento pessoal com a proteção ambiental praticados de modo interdisciplinar (DIAS, 1992).

A fim de tentar fazer dos temas ambientais presença constante nas salas de aula, a educação ambiental foi inserida no currículo escolar, como tema transversal. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998, p. 181):

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno – em seu meio, sua comunidade – não é novidade. Ela vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil. (...) Porém, a partir da década de 70, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, passou-se a adotar explicitamente a expressão “Educação Ambiental para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamental e não governamentais por meio das quais se busca conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais”. Um importante passo foi dado com a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência a ser garantida pelos governos federal, estaduais e municipais (artigo 225, § 1º, VI).

Além de ser uma exigência legal, a educação ambiental, deve ser desenvolvida de forma a estimular os alunos a compreender a temática, no entanto, isso requer atitudes concretas, apesar das grandes dificuldades com relação à construção de metodologias eficientes para atingir tais objetivos.

Existem várias maneiras de inserir a temática ambiental nos currículos das escolas, podendo ser experiências, artes, atividades de campo, projetos, sendo que o mais importante é que sejam atividades que levem os alunos a serem reconhecidos como agentes transformadores na política ambientalista. Os professores devem propor um intermédio de atividades interdisciplinares, que proporcionem novas metodologias, de forma a considerar a educação ambiental como um ambiente privilegiado (SATO, 2002, apud NARCIZO, 2009, p.91).

Portanto a escola deve proporcionar a participação de todos na construção e execução desse processo. A educação ambiental deve ser entendida como um fator fundamental no currículo escolar, uma vez que desenvolve várias habilidades, e integra os alunos num processo de cidadania, no qual busca aproximar o homem do seu mundo natural. Dessa forma é preciso que o educador trabalhe intimamente a conexão entre ser humano e ambiente e se conscientize de que o ser humano é natureza e não apenas parte dela (GUIMARÃES, 2011, p.30). Por ser uma área que abrange diversos temas que estão cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade, contudo, a educação ambiental é essencial em todos os níveis dos processos educativos, onde ela deve ser trabalhada com toda a sociedade.

4.1 - A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

O ensino-aprendizagem da educação ambiental tornou-se obrigatório com a divulgação da Política Nacional da Educação Ambiental (1999) para todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal, no qual implica dizer que a Educação especial deve ser incluída, do mesmo modo que o acesso à educação é um direito que deve estar ao alcance de todos os membros da sociedade.

A educação especial que vem enfrentando e quebrando vários paradigmas com relação ao acesso à educação. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2007), afirma que a educação inclusiva tem por objetivos:

Assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superlotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2007).

De acordo com Borges (2012, p.02), os portadores de deficiência devem ser contemplados com oportunidades de participação social de acordo com suas limitações incluindo direitos, como saúde, educação, trabalho. A partir de nossas interpretações, este processo pode se dar através da educação ambiental, proporcionando assim a socialização e a construção da identidade social. Sob o mesmo ponto de vista, Santos, ET AL (2012, p.01) diz que a educação ambiental para um portador de alguma necessidade especial tem os mesmos objetivos e deve adotar os princípios de uma educação inclusiva, portanto, apropriar o ensino a realidade do educando, possibilitando a ele uma melhor compreensão dos assuntos abordados e sua relação com o contexto social em que vive.

A inclusão dos portadores de necessidades educativas especiais no meio ambiente é uma questão que se deve ser vista como um direito a vida, ou seja, em todos os aspectos e dimensões da vida, de modo a possibilitar a participação social e o entendimento diante das questões ambientais. Com isso vemos a estrita necessidade de não somente incluir, mas assegurar assim o desenvolvimento de altas habilidades.

Nesse sentido, o interesse em trabalhar as questões ambientais, incluindo o público com necessidades especiais, nos remete a uma reflexão sobre sensibilização e o sentido mais íntimo de educação ambiental. De acordo com Geraldo (2007) que diz:

A Educação Ambiental faz parte de um processo de mudanças de novos comportamentos, os quais os indivíduos com deficiência independente das tipologias apresentadas, podem e devem também participar. A integração e inclusão dos portadores de necessidades especiais no meio ambiente são uma realidade que deve ser encarada como sendo um direito comum à vida. Porém, existem diversas dificuldades inerentes à adequação dos conteúdos ambientais à população portadora de necessidades especiais. A iniciativa política e social é preponderante para a eficácia na aplicabilidade da EA num dos grupos mais fragilizados, e por vezes marginalizados da nossa sociedade. (GERALDO, 2007)

Essa associação entre essas duas modalidades de ensino ajuda a entender o ambiente e suas relações homem-ambiente contemplando a diversidade humana de forma a garantir a participação de todos, sem nenhuma restrição. Acredita-se que o desenvolvimento das pessoas com alguma deficiência que desempenha atividades relacionadas ao meio ambiente, possibilite uma melhoria, com relação ao contexto social. Conforme Munster (2004) as atividades na natureza e a educação ambiental:

(...) possa vir a ser compreendido enquanto fenômeno sócio-cultural de múltiplas possibilidades, cujas dimensões sociais podem abranger a educação, o lazer e o rendimento, cujas referências principais são, respectivamente, a formação, a participação e o rendimento. (TUBINO, 1998 apud MUNSTER, 2004, p. 12).

Este trabalho não se limita a este contato com a natureza, embora reconhecemos nele, um potencial pedagógico para a educação ambiental na educação especial.

Em 2006, durante o VI Congresso Ibero-Americano de educação ambiental foi sugerido à inclusão de uma educação especial nas políticas públicas e programas de educação ambiental. A aplicação de medidas de integração e inclusão de pessoas com deficiência na educação ambiental é uma forma de garantir os direitos humanos e constitucionais, “possibilita a formação de valores e atitudes sensíveis à diversidade, à complexidade e à solidariedade diante dos outros seres humanos e da natureza” (CARVALHO, 1998). Portanto faz-se necessário o acesso destas pessoas às questões ambientais.

Dessa forma devemos instrumentalizar métodos de trabalhos amplos, e abrangentes, proporcionando assim novos olhares sobre essa temática, através de ações sistemáticas e

transversais, de forma a promover a inclusão, a cidadania e o fortalecimento da educação ambiental.

Deste modo acredito que a educação ambiental se apresenta como base para um processo de mudança, de quebra de paradigmas, mas para que isso aconteça é necessária uma reformulação do sistema educacional – conteúdos e práticas - buscando uma educação que contemple a diversidade humana.

Nesse sentido justifica-se a realização desta investigação, uma vez que a educação ambiental nas escolas é essencial para o conhecimento, aprendizado, socialização e desenvolvimento das crianças, portanto, foi escolhido o tema educação ambiental na educação especial, por ser um tema ainda que pouco trabalhado nas escolas, principalmente com crianças especiais, de forma que ofereça uma boa interação dessas crianças com o meio ambiente. Por fim, as pesquisas com a sala de recursos ainda são poucas, e o que temos são mais perguntas que respostas.

4.2- OBJETIVOS

Objetivo Geral

- ✓ Promover a educação ambiental na educação especial através de práticas educativas na sala de recursos multifuncionais da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro.

Objetivos Específicos

- ✓ Investigar a existência de pesquisas e projetos na área de educação ambiental na educação especial;
- ✓ Identificar estratégias e instrumentos que favoreçam a inserção da educação ambiental na educação especial;
- ✓ Promover e estimular as atividades em grupo na sala de recursos multifuncionais da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro.

CAPÍTULO 5

TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo e amplo. Sendo um conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecerem uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos (OLIVEIRA, 1999).

A pesquisa trata-se de uma ocasião privilegiada reunindo o pensamento e a ação no esforço de elaborar conhecimentos sobre uma realidade que deverão servir para a solução de problemas (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Diante do contexto de pesquisa escolhido e da proposta apresentada podemos descrever este trabalho como pesquisa de abordagem qualitativa, pois tem o ambiente como fonte de dados, o pesquisador como principal instrumento, dados predominantemente decisivos, preocupação com o processo e análise indutiva de dados (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Quanto aos objetivos e procedimentos podemos dizer que se trata de uma pesquisa descritiva participante. A observação e descrição das aulas será o principal instrumento de coleta de dados e as análises serão feitas considerando o método indutivo onde o conhecimento será construído a partir da experiência e constatações particulares levam a elaboração de generalizações (GIL, 1999; 2010).

Desenvolver um trabalho de conclusão de curso nessa perspectiva foi um grande desafio. Apesar do curso de graduação em Licenciatura oferecer elementos relevantes para nossa formação como educador, tivemos poucas práticas que nos preparasse para pesquisas de porte qualitativas. Os trabalhos foram desenvolvidos junto á escola Celina de Lima Montenegro, da rede municipal da cidade de Cuité - PB, em especial na Sala de Recursos Multifuncionais.

Partindo dessas concepções empregamos como primeiro instrumento de pesquisa a observação participante, que pôde proporcionar um contato maior com os sujeitos pesquisados, dando grandeza ao envolvimento entre o pesquisador e o pesquisado. Sendo que na etapa de socialização pude participar e assim começar a conhecer e aproximar-me através

do contato direto com os alunos que frequentam a sala de recursos multifuncionais. Para Ludke e André (1986) a observação é:

Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação de ocorrência de um determinado fenômeno. (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 26).

O segundo momento foi seguido por atividades tanto teóricas como práticas, sendo desenvolvidas através de encontros semanais com horários ajustados de acordo com a professora responsável pela sala. As atividades foram planejadas em conjunto com a professora responsável pela sala de recursos multifuncionais. As ações desenvolvidas apresentam-se dentro das perspectivas da pesquisa, aonde foram realizadas várias ações voltadas para educação num contexto interdisciplinar dando ênfase a Educação ambiental, e tendo como tema a água. O referente tema foi escolhido por ser muito amplo, e por abarcar outras temáticas relevantes para o aprendizado do alunado.

As atividades realizadas consistiram tanto em apresentações lúdicas na forma de jogos educativos, desenhos, confecção de cartazes, de tal modo foram acompanhados de explanação teórica, utilizando a leitura de imagens e leitura de textos. Procuramos apresentar as práticas pedagógicas, com uma abordagem diferente da tradicional, sendo de forma contextualizada, envolvente e investigativa.

A nossa preocupação inicial foi selecionar e organizar os conteúdos a serem ministrados, levando em consideração a realidade dos alunos. Conforme Santos (2006) ao tomar o cotidiano como ponto de partida e de chegada do processo de educação tem sido indicado como um importante meio de significação do conhecimento construído em sala de aula. (SANTOS, 2006, p.14)

Em nosso planejamento os aspectos físicos e químicos da água foram reorganizados. Buscamos conhecer primeiramente a percepção que os alunos têm referente à água. Procuramos dialogar sobre a importância da água para os seres vivos, (com ênfase nos seres humanos e nas plantas) acentuando, de maneira simples e direta, as suas funções no meio ambiente.

Assim como verificaram as mudanças dos estados físicos da água e o ciclo da água, ambas foram acompanhadas através de experimentos práticos, para assim facilitar o entendimento dos alunos com o tema proposto.

Elaboramos atividades com o uso de imagens, aonde buscávamos o significado que os alunos davam as situações mostradas nas imagens, que lhe foram oferecidas, captando suas explicações e interpretações. No nosso planejamento também foram incluídas, atividades extraclasse que tiveram como meta, levar os alunos ao contato direto com mananciais de água da região, buscando tornar os conteúdos estudados mais significativos.

Como produção final desse projeto de trabalho, foi realizada uma apresentação de todos os alunos que frequentam a sala de recursos multifuncionais, sendo expostas nas dependências da Escola para socialização com os demais alunos.

As atividades realizadas nesse projeto buscaram ser diversificadas e abertas, pois gostaríamos de perceber os diferentes níveis de compreensão entendimento e desempenho dos alunos envolvidos e os limites possíveis de serem explorados na educação inclusiva.

Sabe-se que o cotidiano de uma escola é bastante complexo. Aonde cada dia letivo tem suas particularidades, e, um dia jamais será igual ao outro. Portanto, foi necessário considerar um conjunto de estratégias de ações que possibilitassem essas práticas educacionais, tendo em vista que a sala de recursos multifuncionais é bastante heterogênea, aonde cada aluno possui sua própria forma de aprendizagem.

A tabela abaixo contém resumidamente, informações que caracterizam os alunos envolvidos no estudo.

Tabela 01 – Alunos Participantes da investigação

NOME	IDADE	DEFICIÊNCIA (segundo diagnóstico)
Emily	22 anos	Síndrome de Down.
Natália	14 anos	Deficiência mental leve.
Maria	20 anos	Esquizofrenia.
Paulo	11 anos	Paralisia Cerebral.
Gustavo	16 anos	Deficiência Física e Deficiência mental.
Vinícius	08 anos	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Arthur	20 anos	Paralisia Cerebral.
Silva	09 anos	Paralisia Cerebral.
Lívia	05 anos	Deficiência Auditiva.
Renato	08 anos	Paralisia Cerebral.
Acácio	05 anos	Diagnóstico indefinido (suspeita de superdotação).
Roberto	09 anos	Autista.
Paulo Eduardo	08 anos	Paralisia Cerebral.

Os nomes dos alunos foram trocados por nomes fictícios de modo a garantir o sigilo da identidade. Apresentamos e lemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A), onde solicitamos também a autorização para o uso de imagens nesta produção.

Ao iniciar a pesquisa solicitamos autorização dos pais e/ou responsáveis (ANEXO B), bem como da direção da escola e da Secretaria Municipal de Educação. Esses documentos estão guardados em arquivo pessoal.

Os resultados dessas práticas pedagógicas são apresentados no capítulo seguinte, que se deu de modo processual, analisando a eficácia dos métodos e procedimentos empregados. Utilizando como instrumentos de avaliação: registros diários, arquivos de atividades e reflexões significativas das crianças acerca do tema explorado.

PLANO DE AULA¹

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CELINA DE LIMA MONTENEGRO

TURMA: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

ENCONTRO	DIA	TEMA	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS
1º	14/03	DE ONDE VEM A ÁGUA?	<ul style="list-style-type: none"> - Desenhar a água - Recorte de água limpa e suja; - Mostrar através de vídeos, lugares aonde se encontra água (praias, lagoa, açudes e etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e discutir o conceito que os alunos têm sobre a água: sua origem e distribuição. 	<ul style="list-style-type: none"> - papel; - lápis de cor; -cartolina; -revistas; -tesouras; - cola; -vídeo; -data show; - vídeos; - cartazes; - aparelho de áudio; - copos plásticos; -recursos naturais (como é o caso da água).
2º	20/03	ÁGUA PARA OS SERES VIVOS	<ul style="list-style-type: none"> - Visita a lagoa, mais importante da nossa cidade – Cuité. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar sinais de poluição (local limpo e sujo), lembrando conceitos da aula anterior; - observar e pensar o percurso que a água faz até chegar as nossas casas, assim como sua importância. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transporte automotivo - maquina fotográfica

¹ Plano de aula elaborado para as atividades na sala de recursos multifuncionais.

ENCONTRO	DIA	TEMA	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS
3º	21/03	ÁGUA NAS PLANTAS	- Aula expositiva - dialogada	- Identificar a importância da água para as plantas, assim como para todos os seres vivos;	-Figuras esquemáticas; - Livros; -garrafa pet; - saco plástico; - fita adesiva; - figuras esquemáticas; -recursos naturais, (como pedra, terra, planta e água).
4º	27/03	CICLO DA ÁGUA.	- Atividade Prática; - Exposição de vídeo; - Figuras esquemáticas;	- Conhecer o ciclo da água na natureza e a sua relação com a vida. - Identificar os estados físicos da água.	- vídeo; - lápis de cor; - Terrário;

CAPÍTULO 6

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As práticas pedagógicas aqui analisadas ocorreram no período de 14 à 27 de março, com aulas realizadas a partir das terças-feiras até as quintas-feiras. As aulas descritas a seguir, seguem o planejamento realizado em conjunto com a professora responsável pela sala de recursos multifuncionais da escola pesquisada. Sendo que sofreu algumas adaptações, com relação aos dias, ou seja, atividade que estava planejada para uma aula, foi realizada em duas aulas, devido à dinâmica da sala.

6.1- PERÍODO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

De acordo com Oliveira (2007), a observação se caracteriza segundo o tipo de participação do pesquisador podendo ser direta ou participante. No caso deste estudo fez-se uso da observação participante, com interesse e necessidade de interagir com o grupo pesquisado através do contato direto, possibilitando a obtenção de informações sobre a realidade dos alunos que faz parte da sala de recursos multifuncionais da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro. Escolhi a observação participante por acreditar na importância da socialização e interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

A observação se deu no período de três meses, com encontros semanais visando à elaboração e execução de uma sequência didática, no qual pude perceber que os alunos são muito participativos nas atividades propostas pela professora, principalmente quando se trabalha em grupo. A professora responsável pela sala de recursos multifuncionais procura desenvolver atividades que promova a integração dos alunos, possibilitando, assim, a socialização.

A participação dos alunos é mais expressiva nas terças e quintas-feiras onde geralmente todos estão reunidos, nos outros dias geralmente se faz um grupo de quatro ou cinco alunos. Especificamente, na segunda-feira a presença é bem menor, por causa da feira livre que ocorre na cidade, uma vez que os alunos gostam de passear lá com seus pais.

Ao chegar pela primeira vez na sala de recursos, os alunos se mostraram com um pouco de receio com a minha presença, mais aos poucos eu fui conquistando espaço e confiança dos alunos. O maior progresso foi com uma aluna que geralmente ficava pelos cantos da sala, se negava a realizar qualquer atividade, e sua interação com os colegas e com a

professora era muito pouca. Mas no decorrer desse projeto o avanço dessa aluna foi bastante expressivo participou de todas as atividades propostas e se socializava com os outros alunos principalmente quando eu me fazia presente na sala.

Com relação à aprendizagem dos alunos pode-se observar que cada aluno tem o seu tempo para aprender, alguns aprendem mais rápido, outros em passos mais lentos, alguns são mais participativos, outros são mais retraídos, porém todos têm um potencial a ser desenvolvido. Vale ressaltar que isso não diz respeito exclusivamente aos alunos portadores de necessidades educacionais, mas sim a todos os alunos, que formam o ambiente escolar, em que sabemos que o potencial de aprendizagem é bastante diversificado, variando de pessoa para pessoa. Durante a observação e a participação, foi possível perceber quais as maiores dificuldades encontradas pelos alunos, o que facilitou na hora do planejamento. A minha presença foi fundamental e extremamente enriquecedora, especialmente nos primeiros momentos quando havia muita insegurança e o desconhecimento do perfil de cada educando.

6.2- PERÍODO DE EXPERIMENTAÇÃO

Durante o período de experimentação houve momentos que as atividades planejadas tiveram que ser adiadas, pois chega certo ponto, que eles se cansam de ficar discutindo um determinado assunto, e logo é preciso intervir com um segundo plano de ensino, ou seja, atividades complementares.

Após realizar o planejamento, chegada à hora de ser a professora na sala a conduzir as atividades me senti apreensiva e ansiosa, devido a minha inexperiência, pois para mim era um grande desafio ser professora da sala de recursos, o meu anseio era realizar um bom trabalho de forma a contribuir significativamente na educação dos alunos. O que me tornava mais segura era o carinho que os alunos demonstravam. Tinha certeza que o desafio que me esperava era grande, mas a aprendizagem seria ainda maior.

1º UNIDADE DO PLANEJAMENTO

TEMA: DE ONDE VEM A ÁGUADURAÇÃO DA AULA: 3 horas

DATA DE EXERCUÇÃO: 14,19 e 20 de Março de 2013

O primeiro dia ocorreu na data de 14 de Março do corrente ano, onde estavam presentes de início os alunos Emily, Natália, Maria e Paulo, aonde começaram uma discussão sobre: De onde vem a água? Eles de início participaram muito bem, sendo que logo depois os

alunos Natália e Paulo foram para a sala regular, ficando assim Emily e Maria. Aonde se negaram a continuar com a atividade proposta. Tentei motivá-las para continuar com o planejamento, mas não obtive êxito. A professora responsável pela sala de recursos multifuncionais tentou aplicar outro tipo de atividade, mas não quiseram continuar nenhuma atividade disseram “(...) **está chato tia**”; “**estou cansada**”. Parece que a presença do coletivo é mais importante que a aprendizagem. Presenciamos esse fenômeno outras vezes nessa sala.

No segundo dia, como já estava planejado, continuamos com a realização das atividades, que estavam planejadas para a aula anterior. Nesta aula estavam presentes os alunos Maria, Emily, Paulo, Gustavo e Vinicius. Foi bastante evidente a mudança no desenvolvimento do conteúdo e participação dos alunos: discutiram, perguntaram: “**a água do cano, tem cloro? (...)**”, Maria ainda ressaltou que: “**precisamos da água para beber**”. Não há dúvidas que as ”atividades coletivas podem ser realizadas numa sala de aula cujo clima é favorável a aprendizagem, onde é possível ter apoio para superação das próprias limitações, e não há ênfase na disputa, mas sim na colaboração e na solidariedade” (OLIVEIRA, 2008, pag.76).

Na segunda atividade foi proposto que os alunos pintassem e desenhassem como a água se encontra presente em suas vidas. A utilização dessa prática foi proposta uma vez que o desenho é uma forma de projeção, de exposição, de ideias, pensamentos e conceitos adquiridos na interação da criança com o meio que vive (SILVA, 2010, p.06). No momento em que os alunos estavam desenhando, utilizamos a música, para descontrair. Os alunos cantavam e desenhavam ao mesmo tempo, sendo bastante positivo para prática pedagógica uma vez que os alunos pareciam bastantes animados e motivados. Após os desenhos concluídos os mesmos foram estimulados a descreverem o que haviam representado, uma vez que a narração do desenho faz o elo entre o que foi idealizado pela criança e seus conhecimentos (GRUBITS, 2003).

Todos os desenhos estavam relacionados à chuva (Imagem 2), desenharam as nuvens assim como os pingos de água, e não pintaram. A justificativa adotada pela maioria dos alunos era que a água é branca. Segundo a aluna Emily ela desenhou, “um cano de água com neve” (Imagem 3), o termo “neve” é utilizado para se referir ao gelo. A mesma ainda explicou por que a posição do desenho que estava na margem inferior da folha, “o cano está em baixo, por que a água está na terra”.

Imagem 2: Desenhos representando a chuva



Imagem 3: Desenho representando um cano de água, acompanhado de neve (gelo).



Oportunidade aproveitada para questionar lugares aonde se encontra água: as respostas variaram de acordo com a realidade do aluno. Os alunos que residem na zona rural

citaram, por exemplo: açudes, cisternas, cacimbão² e na terra. Já os que residem na zona urbana mencionaram as torneiras, caixa de água, canos. Essas diferenças se dão pelo fato, dos alunos que residem na zona rural não terem água encanada, utilizando assim reservatórios de água, como foi mencionado pelos alunos. Isso nos mostra a atenção e entendimento destas crianças sobre elementos cotidianos.

Durante a exposição dos desenhos os alunos mencionaram a utilização da água no seu dia a dia, como lavar roupa, lavar a casa, tomar banho, fazer café, fazer artesanato entre outros. A terceira atividade se deu com apresentação de imagens no data-show (Anexo 3) sobre a presença de água no ambiente. Como uma parte dos alunos desconhece a praia, ficaram encantados com as imagens apresentadas, também foram inseridas imagens de lugares que fazem parte do dia-a-dia.

Desta forma, procurou-se trazer o cotidiano dos alunos para dentro das atividades e contextualizar a sua realidade dentro do tema trabalhado e também procurou apresentar ambientes desconhecidos, como fator motivador para aprendizagem. Porém “os conteúdos devem ser tratados de forma globalizada, valorizando as experiências do cotidiano dos alunos, permitindo a relação entre teoria e prática, dando significado às aprendizagens realizadas na escola”. (Lima e Vasconcelos, 2006 p. 406). Por outro lado à escola deve ampliar os horizontes dos alunos, para assim propiciar uma aprendizagem além do espaço escolar.

Na quarta atividade fiz uso de um vídeo³ (H₂O “O defensor das águas”, duração 15 min.) que retratava o caminho que a água percorre até chegar às nossas casas. Com o objetivo de facilitar o aprendizado dos alunos, pois os mesmos falavam muito da água do cano e da torneira.

Neste dia, a coordenadora geral das salas de recursos multifuncionais da Secretaria Municipal de educação estava presente, uma visita não programada. A Supervisora fazia anotações o tempo todo, avaliando a aula, lembra que isto não estava acordado para nós. Senti-me simultaneamente constrangida e muito insegura, pois as minhas práticas pedagógicas estavam sendo analisadas assim como eu, minha condição de pesquisadora pareceu sem importância ou sem compreensão por parte dela. Após a aula um comentário questionou a adequação do filme segundo ela a linguagem que era utilizada, seria muito difícil de os alunos compreenderem. Este fato que me levou a pensar, qual é o limite de

² Cacimbão é um poço ou cova grande onde se junta água. Fonte: <http://www.dicio.com.br/cacimbao/>

³ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=l6pX3SmHPMA>

aprendizagem desses alunos? Será que nós mesmos não impomos limites à aprendizagem? Ou não acreditamos no avanço da aprendizagem desses alunos?

Seguindo no dia 20 de março, A aula teve início, com uma revisão geral do que foi visto no dia anterior, onde a maioria dos alunos relatou o vídeo mencionado anteriormente, citando alguns trechos do filme como, por exemplo, o uso do cloro na água, a passagem da água pelos canos entre outras cenas. Deste modo através dessa prática foi notável, que a aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais, e um fato subitâneo, que é preciso muitas vezes o professor ser ousado nas práticas educativas para assim identificar qual é o limite de aprendizagem de cada aluno.

Propus a atividade cinco, sobre água suja e água limpa de início foram apresentados dois copos com água, sendo um contendo água suja e outro contendo água limpa (Imagem 4). Aonde os alunos foram instigados a falar sobre a água, para assim poder identificar a visão deles com relação ao tema explorado. Logo reconheceram água suja e a água limpa, atribuindo características aos dois tipos de água apresentados, aonde os alunos mencionaram características referentes à qualidade da água (boa, ruim), se poderia ser consumidas ou não.

Imagem 4: Os alunos discutindo sobre água suja e água limpa de acordo com os tipos de água apresentado no copo

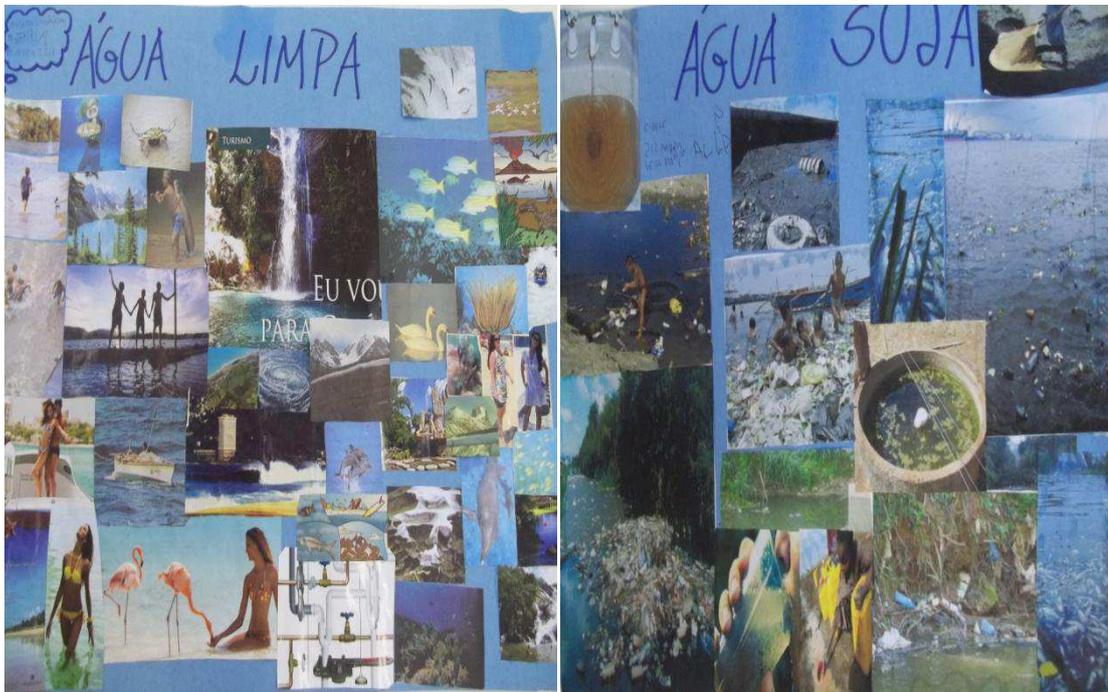


Nesse contexto pode ser destacada a relação que os alunos fazem, descrevendo a cor da água. Segundo a percepção deles, a água limpa é só a água transparente chamada de branca e as águas sujas apresentam outra cor. Ou ainda a relação que os alunos fazem da água suja

com a água que sai da torneira em suas casas: **“a água da torneira é suja, porque é amarela”**.

Após, no mesmo dia, foi realizada a atividade 6, que foi a construção de cartazes comparativos: água limpa e água suja (Imagem 5), com o objetivo de discutir a qualidade da água. Dividimos os alunos em dois grupos para realização da atividade (um para água limpa e outro água suja) com isso houve certa competição entre os alunos. Em seguida os alunos foram estimulados a apresentarem os seus respectivos cartazes para os outros colegas. Esta socialização se deu por frases de conscientização, à medida que eles mostravam as imagens, falavam frase de conscientização, como na frase de Arthur **“água suja causa doença”**, e na de Emily **“não se pode jogar lixo na água e nem bisaca⁴ (sic)”**.

Imagem 5: Cartazes produzidos pelos alunos sobre água limpa e água suja.



Ao fim deste primeiro momento, realizado em três dias, destaco que os alunos na maioria do tempo na execução desse primeiro momento foram bastante participativos, o maior avanço foi com a aluna Maria, que geralmente ficava retraída e se isolava dos outros demais, no entanto a mesma participou ativamente dos questionamentos e das tarefas propostas. Como foram relatados no início, os alunos não renderam no cumprimento das atividades individuais, ficando bastante evidente que só se obtém um melhor desenvolvimento quando há uma socialização entre si.

⁴ Bisaco é uma espécie de bolsa feita de pano; bernal; mochila. que é utilizada para transportar objetos, geralmente usado por agricultores. Fonte: <http://www.dicio.com.br/bisaco/>

Essas primeiras práticas me fizeram pensar sobre a importância de estimular a participação dos alunos nas atividades, fim de que percebam sua importância na execução das tarefas. De modo a arranjar as atividades a partir do olhar para as peculiaridades de cada criança, de seus anseios, limitações, expectativas, mas acima de tudo, de suas potencialidades. Com essas impressões comecei a repensar nas estratégias a serem adotadas para a continuidade do trabalho que iniciamos.

2º UNIDADE DO PLANEJAMENTO

TEMA: ÁGUA PARA OS SERES VIVOS

DURAÇÃO DA AULA: 3 HORAS

DATA DE EXECUÇÃO: 21 de Março de 2013

De acordo com o planejamento, esse momento seria marcado por uma, atividade extraclasse que teria como meta levar os alunos a conhecer as condições da lagoa, mais importante da sua cidade, buscando tornar os conteúdos estudados mais significativos. Por indisponibilidade de transporte, para levar os alunos até o local, a aula teve que ser anulada, infelizmente.

3º UNIDADE DO PLANEJAMENTO

TEMA: ÁGUA NAS PLANTAS E NOS SERES VIVOS

DURAÇÃO DA AULA: 3 HORAS

DATA DE EXECUÇÃO: 21 e 26 de Março de 2013

Para a aula sobre águas nas plantas, teve como objetivo, compreender a importância da água para as plantas, assim como para todos os seres vivos. Na atividade 7 foi utilizada a construção do terrário⁵, representando assim um ecossistema terrestre (Imagem 6). Sendo que através desse experimento podem-se responder várias perguntas como: O que mantém as plantas e animais vivos? Por que as plantas precisam de água? Para aonde vai água que cai no solo? As plantas bebem água? O terrário permitiu explorar, os cinco passos de uma investigação científica: observação, registro, questionamento, experimentação e conclusão. (SILVA e CICILLINI, 2010).

A atividade teve início com alguns questionamentos referentes ao tema da aula. Os alunos falaram das plantas que eles têm nas suas casas e o ato de colocar água nelas.

⁵ O terrário é uma atividade que reproduz o ecossistema em que vivemos em escala reduzida. É o cultivo de vegetais no interior de vidros, em um meio auto-sustentável onde a água, o ar e os nutrientes são reciclados num espaço limitado. Qualquer recipiente transparente, hermeticamente fechado, ou com uma pequena abertura, pode servir para a criação de um terrário.

Ao dar início os alunos pareciam bastante entusiasmados com a prática, até que eu fiz uso de uma das plantas que se fazia presente na sala de aula, aonde os mesmos todos os dias depositavam água e colocavam no pátio da escola. Nesse momento pude perceber o apego e a sensibilidade desses alunos com aquelas plantinhas, que já faziam parte do seu cotidiano na escola. Um dos alunos começou a questionar principalmente quando foi fechado o terrário, dizendo que a planta iria morrer, os outros alunos influenciados pelo comentário do colega começaram a repetir a mesma coisa. Comecei a questioná-los por que eles achavam que a plantinha iria morrer? Um aluno respondeu que não teria como colocar água, no entanto outros alunos articularam o ato de ter retirando do lugar que ela estava e ter colocado em outro lugar. Portanto, percebi que esses alunos precisam de tempo e de oportunidade para testar, observar e trilhar caminhos sejam errados ou certos. Talvez faltem as aulas de ciências em que eles possam interagir com a natureza de forma guiada.

Imagem 6: confecção do terrário.



A construção do terrário foi uma grande aprendizagem, que levarei comigo para sempre. O ato de utilizar aquela planta para o experimento, invadiu um espaço que era deles, esse fato ficou bem claro na expressão que eles apresentaram durante o experimento. Sentir-me muito frustrada com a situação, pois minha inexperiência como educador se fazia presente ali.

Portanto o que se tinha planejado para esse tema, reduziu duas aulas, pois os alunos precisavam de certo tempo de observação (Imagem 7). No dia seguinte o que parecia ser trágico acabou sendo fascinante, pois ao perceberem que a plantinha não tinha morrido como eles raciocinavam se tornou mais fácil explicar as questões levantadas no início da aula.

Imagem 7: A **figura A**, mostra o terrário confeccionados pelos alunos. Na **figura B**, aula sobre o ciclo de água.



Aonde foi possível trabalhar com o terrário, questões referentes ao solo, ciclo da água, partes das plantas, influência da luz no crescimento das plantas, e a diversidade das plantas. Também pudemos constatar que, por mais que tenha sido difícil de explicar com uma linguagem simples o tema proposto, ainda observou-se que eles conseguiram correlacionar com o seu cotidiano. Como por exemplo, ao explicar a presença da água no solo, Arthur comentou que seu pai para fazer o cacimbão teve que “**cavar, cavar a terra para achar água**”, ou seja, fica evidente que os alunos têm certo entendimento do tema, através de situações vivenciadas no seu dia a dia.

Ao final desta unidade, destaco que de início não foi muito satisfatório, pois eles se mostraram indignados, em frente a minha atitude de pegar uma plantinha que pertencia ao espaço deles. Mas ao obter resultado positivo, eles ficaram instigados e a participação se tornou muito boa.

4º UNIDADE DO PLANEJAMENTO

TEMA: CICLO DA ÁGUA

DURAÇÃO: 3 HORAS

DATA DE EXECUÇÃO: 27 de Março de 2013

De acordo, como foi planejada, esta aula consistiu sobre o ciclo de água, que contou com a participação dos alunos: Emily, Silva, Natalia, Maria, Arthur, Lívia e Gustavo. Continuamos a utilizar o terrário para explicar melhor o ciclo da água. Ao perguntar de onde vem à água? A maioria respondeu que era da chuva e que a chuva vinha das nuvens. A aula foi bastante proveitosa, aonde os alunos interagiram bastante. Utilizamos um vídeo⁶ (Ciclo da

⁶ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=r6TYQD5k1G4>

água, com duração de 5 min.) que explicava de uma forma simples o processo do ciclo da água, Logo após o vídeo os alunos se mostraram mais curiosos, e levantaram alguns questionamentos como, por exemplo: Natalia questionou “**o vento leva a chuva embora?** (...)” e Arthur reproduzia a cena do vídeo dizendo que “**água subiu para as nuvens**”. Isso mostra que o recurso usado, foi importante para aprendizagem destes alunos. Acompanhado de um esquema na lousa de acordo com o que os alunos descreviam, para assim obter um melhor entendimento. Em seguida foi proposta a construção de um cartaz (Imagem 8 e 9) que contou com a participação de todos.

Imagem 8: ao alunos produzindo um cartaz sobre o ciclo de água.



Imagem 9: o cartaz concluído.



Foi um momento de muita descontração, o rendimento dos alunos foi bastante significativo. Percebemos assim, que como professores podem contextualizar certo conteúdo, de forma didática, aonde todos participam da construção do conhecimento. E consequentemente rede bons resultado

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começar as pesquisas bibliográficas referentes ao tema abordado, constatei que a maioria dos trabalhos desenvolvidos nessa área, abordam questões referentes às políticas educacionais, havendo uma carência de propostas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de conceitos nas diversas áreas do conhecimento para alunos portadores de necessidades especiais. Certamente, esta função destina-se às salas regulares, mas sabemos que esta inserção do aluno especial na sala regular não tem acontecido ainda como o desejado. Além disso, a nosso ver todo o ensino básico precisa de novas abordagens e novos conteúdos, e é através de experimentações como esta que podemos caminhar com um pouco mais segurança em busca de acertos.

Agora retornamos à pergunta de pesquisa deste trabalho: é possível desenvolver a educação ambiental na sala de recursos multifuncionais? A partir das práticas pedagógicas realizadas constatamos que é possível, pois existe interesse, participação, compreensão, entendimento e especialmente manifestações de preocupações ambientais que se deram através de atitudes e recomendações por parte dos alunos.

Contudo, outras questões se apresentam ao final deste trabalho: qual é o limite de aprendizagem destes alunos? Será que nós mesmos impomos limites à aprendizagem? Será que estamos supervalorizando certas áreas do conhecimento em detrimento de outras?

Pudemos ver que no caso estudado que a socialização, o convívio no grupo parece se sobrepuser à aprendizagem, parece ser, em certas horas, mais importante estar com os colegas, reproduzir seus discursos que aprender um conceito novo. Concordamos que a socialização é um meio fundamental para construção do aprendizado, pois permitem diversas formas de expressar suas experiências, suas experimentações de vida (EVANGELISTA ET AL, 2012). Pensamos ainda que promover a interação entre os alunos, além de desenvolver capacidades como dialogar, argumentar, compreender as ideias dos outros, (GESSINGER, 2008, p.109), é uma forma de promover a inclusão inclusive entre os próprios deficientes.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem evidenciamos que o diálogo professor aluno é um recurso muito importante devido às dificuldades de leitura e escrita.

Assim como os desenhos se mostraram recursos interessantes, mas precisam estar associados ao diálogo, uma vez que nem sempre conseguem representar o que desejam expressar.

Parece-nos que o tempo de atenção e o interesse pelos conceitos desenvolvidos em aula variam de acordo com o dia, com os alunos presentes. A disposição e interesse dos alunos parecem ser independentes do recurso utilizado. Lamentamos que a aula de campo não tenha ocorrido, pois gostaríamos de ter avaliado o comportamento e o interesse da turma nesta situação de ensino.

A água foi uma temática interessante e relevante com excelentes possibilidades de contextualização. Segundo a nossa percepção a atividade de maior aprendizagem foi a do terrário onde eles puderam pensar questionar e constatar o ciclo da água, isso tudo com um intervalo de três dias entre duas aulas. Ao analisarmos a sequência didática – especialmente as atividades desenvolvidas, as conversas e as atitudes dos alunos, se tornou evidente que essas atividades foram bastante significativas.

Temos evidência de aprendizagem de conceitos e relações destes com a vida para além do espaço escolar. Procuramos, através das atividades realizadas, promover o desenvolvimento cognitivo no campo das ciências da natureza com seus processos de observação, questionamentos e testes, para assim fornecer subsídios para a compreensão das relações homem-natureza e aí então poder agir de forma mais consciente dos problemas ambientais de nossa época.

A inserção da educação ambiental e conteúdos curriculares de ciências contribuíram para a ampliação da percepção de natureza daqueles alunos. Pensamos serem estes passos os que levam a uma nova formação de um indivíduo com valores sociais, intelectuais e cognitivos visando uma vida sustentável. Nesse quadro, a educação ambiental se apresenta como base para um processo de mudanças, quebras de paradigmas e para novas performances educacionais.

Não tenho dúvidas, que a continuidade da aplicação dessa proposta metodológica trará experiências ainda mais enriquecedoras, para os alunos especiais, assim como para os educadores envolvidos nesse processo educacional.

É possível afirmar, que fazer parte do cotidiano da sala de recursos multifuncionais, me possibilitou um crescimento enorme não só como pesquisadora, mas como ser humano. Ao estar em contato com esses alunos, como protagonista e não apenas nos bastidores, me mostrou que não é uma tarefa fácil, mas que não é impossível. As práticas educacionais

podem ser desempenhadas de maneira muito competente, favorecendo o crescimento de todas as crianças assim como os profissionais envolvidos.

Finalizo com Garcia (1994, p.64): “a ousadia do fazer é que abre o campo do possível. E é o fazer – com seus erros e acertos – que nos possibilita a construção de algo consistente”. Da mesma forma, devemos ser ousados, construir degraus, para se chegar á uma Educação que contemple a todos, sendo os passos tão importantes como o caminho a ser percorrido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.

ANJOS, Isa Regina. **O atendimento Educacional Especializado em salas de recursos**. Itabaiana: Gepiadde, v.9, n.3, 2011.

BIZZO, Nélio. **Ciências: fácil ou difícil?** . São Paulo: 2º ed. São Paulo: Ática, 2008.

BOLONHINI, J.R. **Portadores de necessidades especiais: as principais prerrogativas dos portadores de necessidades especiais e a legislação brasileira**. 2.ed.São Paulo:Atlas,2010.

BORGES, Jorge Amaro de Souza. **Educação ambiental na perspectiva da educação inclusiva**- Olhar de Professor, v. 14, n. 2, p. 285-292, 2012.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei Federal nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**.Diretrizes para o Ensino de 1º e 2º graus, Brasília, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica**. MEC, SEESP, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**: introdução. Brasília, 2006.

BRASIL. **Política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. 2007. Acesso em 20/FEVEREIRO de 2013

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: SEESP, 2001.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 15/12/2012.

_____. _____. **Política Nacional de Educação Ambiental. Lei nº 9.79/1999.**

CARVALHO, I. C. M. 1998. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental.** IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, Brasília, Brasil: 102 p.

CARVALHO, I. C. M. **Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v. 2, n. 2, abr./jun.2001 p. 43 a 51.

CORRER, R. **Deficiência e inclusão social: Construindo uma nova comunidade.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

COSTA, Tiago Viana et al. **Brincando entre igapós: A água na percepção das crianças da reserva de desenvolvimento sustentável tupé, Manaus/AM.REMEA** - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental, v. 18, 2013.

CHIESA, Marilei. **Implantação do atendimento educacional especializado na rede municipal de ensino de Pelotas sob a perspectiva da Educação Ambiental.** 2009,112f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009

Declaração de Salamanca. Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 19 de Dezembro de 2012.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** São Paulo, Gaia, 1992.

DOS SANTOS, Mariane Cyrino; FLORES, Mônica Dutra; ZANIN, Elisabete Maria. **Educação ambiental por meio de trilhas ecológicas interpretativas com alunos NEEs.** Monografias Ambientais (REMOA), v. 5, n. 5, p. 982-991, 2012.

DOTA F, P; ALVES,D,M. **Educação especial no Brasil:Uma análise histórica.** IN: Revista científica eletrônica de psicologia. São Paulo, ano v.n.8, Maio de 2007.

EVANGELISTA, L. SILVA, J. S. SILVA, M. **A socialização da pessoa com deficiência no contexto escolar.** 2012. Disponível em:

http://www.cefaprocaceres.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=792&Itemid=119, acesso em 18 de Abril de 2013.

FERREIRA, J. R. **A Exclusão da Diferença**. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

FERREIRA, L. C. A. et al. **A importância da educação ambiental na escola**. In: XI encontro latino Americano de iniciação científica e VII encontro latino Americano de pós-graduação, São José Dos Campos/São Paulo, 2007. P. 2996 - 2998. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/humanas/inic/INICG00700_01O.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012

Fórum Ibero – Americano de Educação Ambiental, 6. Joinvile, SC,2006. 1 CD.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FURTADO, C, S. **Que inclusão é possível? Uma experiência na sala de recursos multifuncionais no município de Cuité**. Cuité, 2011.

GARCIA, P. B. **Paradigma em crise e a educação**. In: BRANDÃO, Z.A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 1994,

GERARDO, R. Environmental education in the disability: case study of. In:**Congresso Internacional de Educación Ambiental dos Países Lusófonos e Galicia, 1., Santiago de Compostela (España), 24-27 Sep 2007**. CEIDA, 2007.

GESSINGER, R. M. **Alunos em situação de deficiência nas classes comuns do ensino regular: relatos de professores de Matemática**. In: IX Encontro Gaúcho de Educação Matemática. Anais CCET-Virtual. Florianópolis, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRUBITS, S. (2003) – **A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. Psicologia em Estudo**, volume 8, número especial, p. 97-105. Maringá. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf> acesso em 14 de janeiro de 2013.

GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. Campinas, SP: Papirus, 1995.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. **Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira.** *Revista Inclusão*, v. 1, n. 1, p. 35-39, 2005.

KOEHLER, L. C. **Educação Especial: da teoria á prática.** *Revista Científica de Educação*, p. 54.

LIMA, Kênio Erithon Cavalcante e VASCONCELOS, Simão Dias.

Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n52/a08v1452.pdf>. Acesso em: 17/03/2013, 16h24min.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo. EPU. 1986.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios.** Belo Horizonte: FEAM, 2002. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/7028363/Educacao-Ambiental-Conceitos-Principios>. Acesso em 28 Dez. 2012.

MAZZOTA, M. J. S. (1996). **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas.** São Paulo: Cortez.

MELO Francisco Ricardo Lins Vieira de and FERREIRA, Caline Cristine de Araújo. **O cuidar do aluno com deficiência física na educação infantil sob a ótica das professoras.** *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2009, vol.15, n.1, pp. 121-140. ISSN 1413-6538.

MUNSTER, Mey de Abreu Van. **Esportes na Natureza e Deficiente visual: Uma Abordagem Pedagógica.** Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, 2004. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000353138>> . Acesso em: 22/02/2013.

NARCIZO, Kaliane Roberta Dos Santos. **Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas.** *Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, Rio Grande Do Sul*, v. 22, p.86-94, 2009.

NUNES. S. F. P; NAUJORKS, M. I. **Pesquisa em educação especial: O desafio da qualificação.** Bauru-SP : EDUSC,2001.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira. 1997.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, M. C. **Avaliação de necessidades Educacionais Especiais: construindo uma nova prática educacional**. 2008.157 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós – Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RAFISA, E; LEITE, B. S. **Libras e educação ambiental: a formação dos educadores e os sinais numa perspectiva bilíngue**. In: IV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade, Laranjeiras – Sergipe, 2010.

RAFISA, E; BARBOSA, A, G. **A Educação Ambiental na perspectiva da educação inclusiva de surdos**. João Pessoa: Editora Universitária, v. 1, p.1583-1588, 2011.

SALVI, Inez. **A inclusão da pessoa com necessidades educativas especiais no contexto educacional**. Instituto catarinense de Pós-Graduação, 2003.

SILVA, E, P, Q; CICILLINI, G, A. **Tessituras sobre o currículo de ciências: história, metodologias e atividades de ensino**. IN: I Seminário nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais. Belo horizonte, 2010.

SILVA, V. L.T. **Tecendo tramas na aprendizagem: Um estudo sobre crianças excluídas na Escola**. 2008. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação Stricto Sensu, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

SILVA, Aparecida Abreu Ferreira. **Utilização do Desenho como instrumento para análise da percepção de risco e medo no trânsito**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, A. E. **Os recursos didáticos e as estratégias aplicadas ao ensino de ciências relacionado á temática seres vivos nas series iniciais do Ensino fundamental da Escola básica Paulo Bauer**. Itajaí – SC: Instituto Cenecista Fayal de Ensino Superior, 2006.

UNESCO, 1987. Disponível em: < <http://www.apoema.com.br/geral.htm>> Acesso em: 13/01/2013.

VASCONCELLOS, H. S. R. **A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental**. In: PEDRINI, A. G. (org). Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis, Vozes, 1997.

ANEXOS

ANEXO A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria Mislene de Lima Dantas Soares, aluno do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, Campus Cuité, sob a orientação da Professora Caroline Zabendzala Linheira, estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: **Educação Ambiental na sala de recursos multifuncionais da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro – Cuité, PB: Uma Experiência na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Nosso trabalho de pesquisa pretende promover e investigar iniciativas de Educação Ambiental na Educação Especial, bem como identificar as estratégias e os instrumentos relevantes para a prática pedagógica. Esse estudo é importante uma vez que a educação ambiental nas escolas é essencial para o conhecimento, aprendizado, socialização e desenvolvimento das crianças, buscamos assim oferecer uma boa interação dessas crianças com o meio ambiente. Dessa forma, gostaria de contar com a participação através de conversas com seu filho (ou tutelado); publicação de fotos em atividades de ensino. Pedimos também a autorização para a publicação dos nomes verdadeiros. Em nenhum momento falaremos nas doenças e suas origens de modo a causar constrangimentos a quaisquer participante desta pesquisa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Queremos com sua participação melhorar a escola! Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais participar do meu projeto, entre em contato (até a conclusão do trabalho prevista para Abril de 2013) comigo ou com minha orientadora através dos telefones: (83)3372 – 1900/ (83) 9993 – 9975 ou comigo mesma (83) 9617 – 0570.

Professora; Caroline Zabendzala Linheira _____.

Estudante: Maria Mislene de Lima Dantas Soares _____

Eu, _____, fui esclarecido (a) sobre a pesquisa: **Educação Ambiental na sala de recursos multifuncionais da Escola Municipal Celina de Lima Montenegro – Cuité, PB: Uma Experiência na Perspectiva da Educação Inclusiva**; estou de acordo em participar e permito a veiculação de imagens e falas do meu filho ou tutelado:

_____ na condição de aluno da Sala de Recursos Multifuncionais da Escola E. M. Celina de Lima Montenegro.

Cuité _____ de _____ de 2013.

Assinatura: _____ R.G _____

.

**ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DAS AULAS NA
SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS**

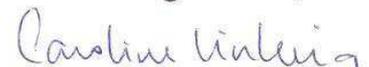


Cuité, 19 de novembro de 2012.

Para as Mães e os Pais dos alunos e alunas da Sala da Tia Cibele

Gostaria de pedir a autorização de vocês para que uma aluna da universidade que estuda para ser professora chamada **MARIA MISLENE DE LIMA DANTAS** possa ajudar a professora Tia Cibele nas aulas em um dia da semana até o mês de julho de 2013. Nós queremos estudar um jeito de fazer novas atividades com as crianças especiais. Em nenhum momento a professora Mislene irá substituir o trabalho da Tia Cibele ela vai apenas acompanhar as aulas e ajudar no que for preciso. Para isso precisamos da sua autorização. Se você tiver dúvida pode falar com a Tia Cibele ou com a professora Carol da Universidade.

Agradecida,



Prof. Caroline Z. Linaheira
 Ensino de Biologia
 SIAPE 1529972

Eu _____

responsável pelo (a) aluno (a)

concordo com a presença da professora Mislene ajudando a professora Cibele nas aulas.

Assinatura: _____

Data: _____

ANEXO C – APRESENTAÇÃO DE IMAGENS SOBRE A PRESENÇA DE ÁGUA NO AMBIENTE



